

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicolelis

SINOPSE

Ygor é um garoto que adora jogar damas com seu tio-avô, Adolfo, já bem idoso. Quando este morre, Osvaldo, pai do menino e sobrinho de Adolfo, herda seu casarão. Ygor pede ao pai que o deixe ficar com o tabuleiro de damas, como lembrança do querido tio. Mal sabia ele que se envolveria num intrigante enigma que o levaria a uma descoberta surpreendente.

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci em 27 de outubro de 1938, na cidade de São Paulo. Aos nove anos já escrevia pequenas histórias. Publiquei um conto em 1972 e o primeiro livro só em 1974, ambos de literatura infantil. Até hoje, já produzi mais de cem títulos, a maioria para crianças e adolescentes.

Sempre gostei de números: meu pai, além de advogado, era contador. Ele me ensinava matemática muito mais avançada do que eu aprendia na escola; isso me fazia trombar, às vezes, com os professores da matéria – eles ensinavam de um jeito, eu sabia de outro.

Quando escrevi este texto, aproveitei minha paixão por histórias de mistério e pelos números, criando um enigma matemático. Acredito que deu uma boa dobradinha. Se conseguir despertar nos leitores, ao mesmo tempo, o amor pela leitura aliado ao gosto pela matemática, me darei por satisfeita. E, de alguma forma, vou me redimir com meus antigos professores, que aguentavam minhas contestações.

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Renato Moriconi

Formato: 18 x 26 cm

Número de páginas: 24

Coleção: *Pé ante pé*

ISBN: 978-85-7472-852-0

Indicação: A partir de 9 anos

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicoletis

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicolelis

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicoletis

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicoletis

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicoletis

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicoletis

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicolelis

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Inicie o trabalho apresentando o livro e dizendo que faz parte da coleção *Pé ante pé*. O que esta expressão sugere? Que sentido pode ser atribuído à ideia de andar “pé ante pé”? Instigue os alunos a imaginarem sobre o que é a história: será que o personagem principal é um elefante? Alguém quer vender um elefante? Alguém já viu ou ouviu falar de um “elefante branco”?

2. Antes de entrar na história propriamente dita, solicite aos alunos que façam uma leitura da primeira página e que reflitam sobre a epígrafe e a lenda ali narrada. Informe-os de que Albert Einstein foi um grande físico, um cientista que revolucionou a ciência com suas ideias inovadoras. O que será que a autora pretende ao citar Einstein e a importância da imaginação? Que relação isso pode ter com a narrativa? Será que a imaginação é um elemento significativo na trama que irão ler?

Relacione esta reflexão com a lenda do rei do Sião. O que é uma lenda? Que características esse gênero textual apresenta? Qual era o objetivo do rei ao presentear alguém com um elefante branco? Será que o livro é sobre uma pessoa que ganha um desses animais?

DURANTE A LEITURA

1. Atualmente, a expressão “elefante branco” é usada quando uma pessoa é presenteada com alguma coisa que vai lhe dar trabalho e talvez não seja um bom presente. Por que o casarão deixado pelo tio Adolfo foi chamado de “elefante branco”? No início da história, como a família de Ygor reagiu ao receber esta herança? O que a mãe do garoto achou de tudo isso?

2. Peça aos leitores que comentem as características que fazem com que o casarão seja considerado um “elefante branco”. Instigue a imaginação, propondo a eles que façam uma imagem mental do lugar, tentando visualizar os cômodos, a mobília, as cores das paredes, até o cheiro da casa. Questione-os também sobre os objetos ali presentes, levando o grupo a refletir sobre a personalidade de tio Adolfo, o antigo dono da casa: alguém que guardava muitas coisas, tinha várias coleções, gostava muito de livros, de jornais e revistas, etc.

Por que o imóvel foi “tombado”? Questione os alunos sobre tombamento e conservação do patrimônio histórico e cultural: em sua cidade, existe algum imóvel tombado? Quem decide que um prédio ou casa deve ser tombado? Se julgar oportuno, mencione o trabalho do Iphan, órgão público federal responsável pela preservação de obras e construções que guardam elementos da história do país.

3. Explore a personalidade dos personagens principais da narrativa. Como era o tio Adolfo? Ele gostava muito de Ygor, por quê? E o menino, quais são as suas características? Chame a atenção para o gosto do tio por letras e números, o que irá gerar o enigma depois solucionado pelo sobrinho; tanto o sobrinho quanto o tio gostavam de jogar damas e gastavam horas fazendo isso; o menino é curioso e observador, e por isso se dá conta da novidade nas peças do jogo de damas (a série de números ao lado das letras). Ygor é um pequeno Sherlock Holmes, e vai seguindo pistas até desvendar o mistério.

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicolelis

4. Destaque o caminho percorrido pelo garoto para desvendar o mistério envolvendo as peças do jogo de damas. Como Ygor encontrou o bilhete deixado pelo tio? E os números e letras escritos nas peças, o que o levou a perceber detalhes tão mínimos? De que modo ele chegou à sequência 5758? Atente para a perspicácia e curiosidade do garoto, que se empolga com as pistas e vai montando um quebra-cabeça até chegar à solução do enigma.

5. Depois de seguir as pistas, o menino e seu pai encontram um cofre. Geralmente, o que as pessoas guardam em cofres? Motive os alunos a se manifestarem, incentivando-os a fazer as mais diversas suposições. Qual foi a reação de Osvaldo e seu filho ao encontrarem o cofre? E o que havia nele? Será que tudo tinha sido planejado previamente por tio Adolfo? Ele previa que os dois iriam encontrar os selos valiosos? Retome com os leitores o desenvolvimento da narrativa, perguntando a eles o que imaginaram que os dois encontrariam no cofre. Peça que deem suas opiniões e que comentem com os colegas qual foi sua sensação e/ou reação quando souberam que o que estava guardado lá eram selos.

6. Explore a questão das cartas, que não eram “quaisquer” cartas. Por que não? O que havia nelas de tão significativo? É a personalidade curiosa e observadora de Ygor que faz com que ele desconfie de algo: o que o garoto resolve fazer? Que coisas ele descobre? Explore este momento de reviravolta na trama, atentando para o elemento inusitado que vêm à tona com a abertura do cofre e a investigação empreendida por Ygor: a descoberta de uma pequena fortuna em selos.

DEPOIS DA LEITURA

1. Converse com a turma sobre filatelia e sobre o hábito, talvez não tão em voga nos dias de hoje, de colecionar selos. Sugira que perguntem a familiares, ou amigos de mais idade, se conhecem algo sobre essas coleções. Também é possível propor uma pesquisa sobre selos comemorativos no site oficial dos Correios. Estabeleça uma relação entre o Olho de Boi e selos que marcaram datas e/ou personalidades importantes. O resultado final pode ser compartilhado entre a turma por meio de uma exposição.

2. No livro *Quem quer um elefante branco?*, de Giselda Laporta Nicolelis, o casarão herdado é chamado de “elefante branco”, fazendo referência a uma lenda do Sião. Por ser tombado, era grande a dificuldade para se vender ou alugar o imóvel. Além disso, a família que recebeu a herança não tinha condições financeiras para restaurar o casarão e pagar todos os impostos devidos. Maria, mãe de Ygor, chega a dizer que não era uma herança, mas um castigo. Por isso, o imóvel torna-se, para a família, um “elefante branco”, ou ainda, um “presente de grego”.

Para que os alunos entendam o significado da expressão “presente de grego”, que faz referência a um episódio da Guerra de Tróia, sugere-se a leitura do capítulo XI do livro *Histórias do mundo para crianças*, de Monteiro Lobato, em que Dona Benta conta a história dessa guerra para Narizinho, Pedrinho e Emília.

A guerra teve início após o troiano Paris ter raptado Helena de Esparta. Depois de 10 anos de batalha entre gregos e troianos, Ulisses teve a ideia de construir um colossal cavalo de madeira para deixá-lo junto aos muros de Tróia. Acreditando que os gregos haviam desistido da guerra, os troianos acabaram levando o cavalo para dentro da cidade. À noite, soldados

QUEM QUER UM ELEFANTE BRANCO?



Giselda Laporta
Nicolelis

gregos que estavam escondidos no interior do cavalo saíram e conseguiram render a cidade. Tróia foi, então, destruída e Helena, resgatada.

3. Para que as crianças pensem na importância da observação de alguns detalhes, aparentemente insignificantes, para se encontrar um caminho ou se resolver um enigma, sugere-se a leitura do conto “O distraído sabido”, do livro *Severino faz chover*, de Ana Maria Machado.

O protagonista é Pedrinho, um menino que parece viver no mundo da lua. Um dia, quando vai passear com seus amigos e acabam se perdendo, é ele quem ajuda a encontrar o caminho de volta, porque prestou atenção na posição das sombras, na direção do rio, em um formigueiro, por exemplo. Apesar de todos o acharem distraído, Pedrinho se mostrou um menino atento e observador, assim como Ygor, personagem do livro *Quem quer um elefante branco?*, de Giselda Laporta Nicolelis.

Observando detalhes que não foram percebidos pelos adultos, Ygor se empolga com as suas descobertas e se sente ainda mais motivado a encontrar a solução do enigma deixado por seu tio-avô.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Chrislene Ribas, Gilmara Falk Ferreira Brunetto, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio